

IMPACTOS PSICOLÓGICOS DE MÃES EM LUTO¹

Gabriela Martins,
Keluane Souza Silva,
Thaynara Cristina de Souza

RESUMO

A morte de um filho ainda é vista como um tabu, cercada de mistérios e de crenças, e as pessoas, frequentemente, não se encontram preparadas para lidar com a finitude humana. Quando ocorre a perda neonatal, gestacional ou acidental tende a causar inúmeras alterações na vida de uma pessoa, acarretando, muitas vezes, prejuízos e alterações, principalmente, nos funcionamentos emocionais e cognitivos. Neste momento, os enlutados poderão recorrer a um psicólogo e este tende a priorizar o acolhimento e a escuta ao paciente. Esta pesquisa trata-se de um estudo bibliográfico, no qual realizou-se de uma busca eletrônica em bases de dados científicos, Periódicos (CAPS), Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). As buscas tiveram como demanda responder ao objetivo de enriquecer e proporcionar ao leitor alguns aspectos relativos a um auxílio terapêutico, diante de um evento estressor, que é a perda repentina de um ente querido. Os artigos encontrados evidenciaram que o acompanhamento psicoterapêutico é necessário para a melhoria de comportamentos e traumas devido ao luto.

Palavras-chaves: psicoterapia, psicologia, mães e luto.

1. INTRODUÇÃO

O luto é um processo de adaptação a uma nova realidade, em nossa cultura o medo da morte é algo notável, causando assim um impacto diferente em cada indivíduo. No Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM IV – TR, 2003), o luto é entendido como uma reação à morte de um ente com expressões e duração que variam de acordo com a cultura ou família, não representa transtorno mental, mas alguns indivíduos enlutados apresentam alguns sintomas característicos de Transtorno Depressivo maior e Reação a Estresse Grave e Transtorno de Ajustamento, essas reações são consequências causadas pelo estresse agudo e pelo trauma.

Com base em gerações passadas as epidemias dizimaram muitas vidas, a morte de crianças era algo que acontecia com frequência, com o avanço da medicina houve uma redução, mas ainda assim “a morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal” (Kübler-Ross, 1969).

Sabe-se que luto não é só um estado pessoal de intensa angústia, mas, também, um fenômeno associado a uma grande variedade de perturbações psicológicas e somáticas. Shuchter & Zisook (1993 apud Hagman, 1996) afirmam que o luto é um fenômeno natural que

¹ Trabalho de Curso apresentado ao Centro Universitário UNA - unidade Catalão, como requisito parcial para a integralização do curso de Psicologia, sob orientação da professora Ms Camila Carneiro Silva Queija.

ocorre depois da perda de uma pessoa significativa, sendo um processo individual, que varia de pessoa para pessoa, de momento para momento e que envolve muitas dimensões do ser humano.

Seguindo o pensamento de Gonzaga (2006) “não há dor maior, nem mais terrível, injusta ou profunda do que a vivida sentida pela perda de um filho” e partindo do pensamento de que os pais deveriam morrer antes de seus filhos, esta pesquisa tem por finalidade elucidar a vivência da morte e do luto dentro do contexto familiar especificamente quando uma mãe perde um filho; esse tipo de perda é considerado algo extremo por afetar laços de vínculos e afetos singulares. Por esse motivo, faz-se necessário entender a dimensão desse tipo de dor, sua elaboração cognitiva, comportamental e emocional, para efetivar a construção de abordagens de tratamento que favoreçam a realização desse processo de luto, entre outras possibilidades.

Por isso se traz a necessidade de formatar o trabalho para discorrer possíveis tratamentos psicológicos. O luto é um fenômeno natural, porém impacta na vida psicológica do indivíduo, diante disso pergunta-se: quais os principais impactos psicológicos do luto em mães que perderam filhos, em diferentes contextos?

O artigo objetiva identificar quais são os mecanismos de enfrentamento utilizados por mães frente as situações de morte e luto, pontuando as questões sobre essa vivência diante do sofrimento psicológico. Além disso, também tem como enfoques: identificar quais são os mecanismos utilizados; discutir acerca dos temas de morte e luto no contexto familiar, mudanças de rotina e possíveis tratamentos para conseguir superar a perda; e avaliar os mecanismos que poderão ser adaptativos ou satisfatórios no enfrentamento do sofrimento psíquico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Vínculo de Mãe e Filho

O relacionamento entre mães e seus filhos sempre foi algo que causa admiração. A maior parte do primeiro ano de vida de uma criança é dedicado à formação de instrumentos necessários à sobrevivência do bebê. Durante todo este período, ela irá se desenvolver em um ambiente formado por apenas dois componentes: ela mesma e a sua mãe. O resultado é uma relação complementar, uma díade que irá fornecer à criança as potencialidades para que ela se torne independente de seu meio ambiente. Estas experiências afetivas, no quadro das relações mãe-filho, agem no primeiro ano de vida como um caminho inicial para o desenvolvimento da criança proporcionando a conexão com o mundo que a rodeia. Entre as peculiaridades desta

relação está a de que, este vínculo puramente biológico é transformado gradualmente na primeira relação social do indivíduo, o qual irá influenciar por toda a sua vida a qualidade dos laços futuros com os outros indivíduos. (Faquinell & Collet, 2003).

A maneira como o indivíduo irá construir e regular as ligações de tipo vincutivo é, em grande parte, pontuada por componentes idiossincráticas que refletem a qualidade das experiências vividas no quadro das interações com os outros significativos. (Bowlby, 1969/1982).

De acordo com a Teoria do Apego de Bowlby, Sable (2008) *apud* Gomes (s.d) esclarece que a Teoria do Apego se baseia na premissa de que os seres humanos, assim como outros animais, apresentam uma inclinação natural para construir vínculos afetivos que, ao longo do tempo, podem tornar-se insubstituíveis. Isso se explica pelo fato de que, por virem ao mundo em uma condição de extrema vulnerabilidade fisiológica, os bebês humanos dependem de alguém que lhes forneça os cuidados essenciais para garantir sua sobrevivência. Deste modo, a relação construída com esse cuidador primeiro, em virtude da importância que vai adquirindo ao longo do tempo, torna-se a matriz sobre a qual todos os vínculos posteriores se desenvolverão.

2.2. O Processo do Luto

O conceito de “luto” está naturalmente associado ao processo posterior à morte de um ente querido. No entanto, quando estamos perante o término de uma relação amorosa ou a perda de um membro do nosso corpo após um acidente ou após uma cirurgia, ou quando perdemos um animal de estimação, estamos igualmente a falar de luto, ou seja, todas estas situações são exemplos de perdas pelo que o indivíduo passa ao longo da sua vida e que, obviamente, necessita de tempo para ultrapassar esta fase, mas, apesar das diversas situações de luto, tendemos a nos cingirmos apenas ao luto associado à morte. (Alexandra, Vera, 2016).

No livro *Freud: uma leitura atual*, Rosine Jozef (2012) declara que processo de luto, uma resposta sadia e necessária a uma perda importante, é um exemplo notável de como uma pessoa que cessou de existir no mundo externo continua existindo na mente com total realidade.

O ponto de vista psicológico as síndromes depressivas têm uma relação fundamental com as experiências de perdas (Hofer, 1996; Del Pino, 2003 *apud* (DALGALARRONDO, 2008). As síndromes e as reações depressivas surgem com muita frequência após perdas significativas: de pessoa muito querida, emprego, moradia, status socioeconômico, ou de algo prematuramente simbólico.

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM IV – TR, 2003), alguns indivíduos em sofrimento se apresentam com sintomas característicos de um episódio de depressivo maior, por exemplo, sentimentos de tristeza e sintomas associados, como insônia, apetite reduzido e perda de peso.

Segundo Kubler-Ross (1996), o luto possui cinco estágios: o primeiro é o da negação e isolamento; o segundo é o da raiva; o terceiro da barganha; o quarto da depressão e o último é o da aceitação. No primeiro estágio, a negação funciona como um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando o enlutado se recuperar com o tempo. No segundo estágio da raiva, a negação é substituída por sentimentos de raiva, revolta, inveja e ressentimento. A barganha do terceiro estágio é uma tentativa do enlutado de negociar os seus medos diante da perda, com figuras que, de acordo com suas crenças, têm o poder para intervir nessa situação de morte. No estágio quatro, depressão é dividida em preparatória e reativa: nesta, surgem outras perdas (de emprego, de dinheiro, etc.) decorrentes da perda por morte; e naquela, o momento da aceitação já está mais próximo e os enlutados passam a repensar na sua vida. Já no último estágio da aceitação, as pessoas tendem a ficar mais calmas e conseguem expressar melhor seus sentimentos, emoções e frustrações (Carnaúba, Pelizzari, Cunha 2016).

2.3. O Processo de Luto em Mães: Perdas Gestacionais e Neonatais.

Para mulheres que almejam a maternidade, experienciar a morte de um filho pode ser como perder uma parte de si. A perda de um filho, ainda mais de um no início da vida, muitas vezes é vivenciada como um fenômeno prematuro que poderia ter sido evitado, sendo entendido como um futuro perdido (tanto da mãe quanto do filho) e algo que desafia a expectativa social de curso natural da vida, na qual a mãe morre antes; o que pode levar a um sentimento de culpa por parte dessa mulher e uma significativa mudança nos valores morais a partir daquele sofrimento (Brice, 1982,1991; Martins, 2001 apud Freitas; Michel, 2014) *apud* (FONSÊCA, 2021).

Em decorrência do preparo psicológico, adaptação, as mudanças e os hormônios, fica claro que a perda gestacional nunca é uma opção concreta para as mães, esse medo fica apenas no mundo das ideias até quando não fica mais, e essa perda acaba causando um impacto significativo na vida da mulher. Alguns estudiosos (Curi, 2016; Duarte & Turato, 2009; Soubieux, 2014) *apud* (FONSÊCA, 2021), estão considerando a perda gestacional ou neonatal como fato gerador de um processo individual de luto, uma vez que a relação entre mãe-bebê ainda estava no começo e havia toda uma idealização acerca da nova vida.

A perda de um filho antes do nascimento ou no período neonatal, representa “a morte de um sonho” (Torloni, 2007, p. 297) *apud* (FONSÊCA, 2021). A família como um núcleo só vivencia o luto, mas é para a mulher que a dor acaba ainda sendo maior, pois era o ventre dela que carregava a criança, foi seu corpo que mudou e se adaptou para enfim trazer seu filho ao mundo.

O luto de um bebê recém-nascido carrega em si um aspecto de inerente incomunicabilidade e atrai, por sua vez, olhares de incompreensão. A morte de filho inverte as expectativas das perdas pressupostas na vida morte dos pais, dos mais velhos deixando os pais sem referências temporais. (Vera, 2007).

Nazaré et al (2010) *apud* (FONSÊCA, 2021) trazem três tipos de fatores relacionados a isso: a) o comportamento do casal: idade, personalidade, crenças, experiências prévias, desejo e motivação de ter um bebê;

b) o bebê: se era uma gestação de risco, se havia algum prognóstico ou predisposição de complicações; c) o apoio: comportamento da família, apoio social, profissionais de saúde etc.

As autoras acreditam que todas essas variáveis têm relevância para o processo de luto.

Os estudos de Brice (1982, 1991) e Martins (2001) *apud* (FONSÊCA, 2021) afirmam que perder o filho é viver uma promessa não realizada, é perder o próprio futuro. A literatura mostra também que, além da perda do futuro, a perda de um filho é vivida pelas mães como a perda de uma parte de si, a amputação de um pedaço do corpo. A saudade é vivida com sofrimento e ocorre para elas uma profunda mudança de valores. Em sua pesquisa, Martins aponta que a morte do filho é experienciada como uma contingência especial que poderia ser evitada; é sentida como um acontecimento que impõe uma inversão do curso natural da vida pela qual a mãe se culpa.

Assim surge a perda do mundo ideal, onde nota-se que o luto não é apenas devido morte do filho, mas a mudança de rotina, os planos que foram mudados, a convivência, as conversas, tudo se torna diferente e novo, uma desconstrução do que foi vivido até o momento da morte.

2.4. O Processo de Luto em Mães: Vidas Interrompidas e Doenças

Há perdas que podem ser devastadoras e que podem complicar na adaptação da mãe e sua família, como em caso de morte repentina ou inesperada. Um dos fatores significativos da vivência do luto é a forma como a morte ocorreu (Moura, 2006) *apud* (ARAUJO, 2019) . Walsh e McGoldrick (1998) *apud* (ARAUJO, 2019), asseveram ainda que ocorrendo falecimento inesperado, o sistema familiar, muitas vezes, tem tempo curto para poder se anteciper e se preparar para a perda, para lidar com assuntos inconclusos e/ou para haver a

devida e adequada despedida da pessoa que faleceu.

Neste contexto, a morte inesperada (e.g., acidente em veículos) apresenta um fator complicador para o luto em relação a uma morte esperada (e.g., doença em fase terminal). A

morte inesperada surge como elemento surpresa para a família. Isto é, a morte é algo que não se imagina, tornando impactante às pessoas que recebem a notícia, dificultando, algumas vezes, no processo de elaboração do luto. Em casos nos quais os enlutados perderam entes queridos em acidentes rodoviários, os familiares costumam querer ver o veículo que causou a morte, ir até o local do acidente e conversar com alguém que presenciou a fatalidade. Estas ações são uma busca do enlutado de se ter respostas e compreender como a morte ocorreu. Neste contexto, compreender a morte do ente querido é importante no processo de enlutamento para que diminua aspectos relacionados a ansiedade e sofrimento psíquico do enlutado (Moura, 2006) *apud* (FONSÊCA, 2021).

A experiência das mães com a morte do filho ou filha é um fenômeno causador de forte sofrimento, as quais muitas mães não se sentem preparadas para esse enfrentamento. Como resultado no desenvolvimento destas mães de filhos ou filhas mortos, elas podem desenvolver sentimentos de fortes angústias, impotência, tristeza, depressão, necessitando de maior apoio social e afetivo da família, amigos, vizinhos e, quando necessário, de profissionais de saúde. (Carvalho, André, 2019) *apud* (ARAÚJO, 2019).

3. METODOLOGIA CIENTÍFICA

Uma pesquisa de caráter qualitativo foi feita para a construção deste estudo, foram realizados levantamentos bibliográficos já existentes. Então fundamenta-se em uma metodologia de revisão bibliográfica afim de avaliar os impactos psicológicos de mães em luto. A revisão bibliográfica consiste em analisar os referenciais já publicados, com o objetivo de discutir as contribuições científicas e buscar uma resposta para um dado problema. Nesse sentido, é muito importante que seja feito um planejamento de como a pesquisa será guiada (Pizzani et al., 2012).

É um método de discussão com base em uma situação problema, utilizando contribuições atuais e análises já existentes (Cervo, 2002). Como fonte de busca foi utilizado as bases de dados eletrônicos: Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), Periódicos CAPS e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS).

Cada artigo escolhido será apresentado separadamente destacando as publicações combinadas com tema escolhido e abordado neste estudo. As palavras-chave para a pesquisa foram: Luto, mãe e psicologia, encontrando o total de 186 artigos. Como critério de inclusão, utilizou-se os filtros para os de idioma português e últimos cinco anos, com data de publicação entre 2017 e 2022, totalizando 36 artigos. A seguir foram realizadas as leituras dos resumos de

cada artigo para selecionar as obras relacionadas ao tema da pesquisa, excluindo os que

repetiam nas plataformas e que não condiziam com o objetivo desse estudo, restando 8 artigos, de acordo com a Tabela 01. A Tabela 02, demonstra os títulos por base de dados:

Tabela 01. Relação de artigos utilizadas neste estudo

	SciELO	PEPSIC	Periódicos CAPS	BVS
Sem Filtro	4	6	50	126
Com Filtro	1	2	19	14
Após leitura dos resumos	1	2	3	2

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

Tabela 2. Artigos encontrados nas plataformas

Nº	Título	SciELO	PEPSIC	Periódicos CAPS	BVS
1	Perda e o Luto Fetal			X	
2	O imensurável da experiência do luto materno			X	
3	Morte na maternidade			X	
4	Falando sobre presenças ausentes: vivência de sofrimento no luto materno.		X		
5	Escuta Clínica: experiência de uma mãe enlutada em tempos de covid-19		X		
6	Psicoterapia e Luto: A vivência de mães enlutadas	X			
7	O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância				X
8	Sentimentos maternos frente ao óbito perinatal maternal				X

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após leitura e análise dos artigos, oito (08) estudos foram selecionados, como pode ser visto na Tabela 03, na sequência, que apresenta dados das obras selecionadas e alvo de análise.

Tabela 3. Apresentação Sintética dos Artigos Analisados

AUTOR/ANO	TÍTULO	OBJETIVO	INTERVENÇÃO	RESULTADOS
Ramos, Vera; Canta, Guilherme	Perda e o Luto Fetal	Experiência clínica de psicoterapia	Relatos de experiência de pacientes com perda fetal.	Aponta-se que o processo psicoterapêutico olha o indivíduo

		com mães em luto.		a sua vivência, mostrando assim formas singulares de lidar com cada paciente.
Ana Maria Lopes Calvo de Feijoo	O imensurável da experiência do luto materno.	Investigar a experiência de mães enlutadas, acompanhando fenômeno do luto materno.	Entrevista aberta com as mães em luto materno, utilizando o método fenomenológico.	Conclui-se que não há um manual para descrever que a dor do luto seja normal ou patológica, é algo inexplicável.
Rubem Calaça Menazes, Nayara e Marciano, Rafaela Paula.	Morte na maternidade	O artigo tem como objetivo relatar experiências de mães que estão em processo de luto.	Foi criado um grupo de mães enlutadas, aberto para comunidade, para que elas tivessem um lugar de falar e relatar como se sentem com o processo de luto.	Percebe-se que o grupo foi uma ferramenta importante, pois as mães se sentiram seguras e acolhidas, para falar sobre, pois todas que participam do grupo, já passou ou passa pelo processo de luto e entende a dor do outro.
Asis, Gustavo, Motta Hinayana, Soares, Ronald.	Falando sobre presenças ausentes: vivência de sofrimento no luto materno	Compreender as mães que vivem em luto materno, entender como elas se sentem no seu cotidiano.	Entrevista caracterizada como fenomenológica, questionando como é o sofrimento do luto materno.	As entrevistas mostraram como é importante dar espaço, para mães falarem sobre seu luto, e como isso dá a direção da essência de um novo jeito de ser mãe.

Ana Maria Lopes Calvo de Feijoo	Escuta clínica: experiência de uma mãe enlutada em tempos de covid-19	Apresentar a situação clínica de uma mãe enlutada.	Atendimentos com o método fenomenológico. Onde não se elabora o atendimento, e sim compreender a dor do enlutado.	Os resultados mostram que o silêncio do psicoterapeuta, durante os atendimentos foi de total importância, pois fez com que a mãe se sentisse compreendida.
Luís Henrique Fuck Michel, Joanneliese de Lucas Freitas	Psicoterapia e luto: a vivência de mães enlutadas	Estudo como mães vivenciam o processo de luto.	Entrevistas fenomenológica, divididas em três eixos temáticos.	As mães se sentiram acolhidas e compreendidas, encontrando novas possibilidades de enxergar o mundo diferente.
Maria Augusta Rocha Bezerra, Ruth Cardoso Rocha	O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância	Apresentar a existência da mãe, que perdeu seu filho na infância.	Entrevista fenomenológica com 10 mães que perderam o filho na infância.	O tempo não prevê o fim do luto materno, pois a dor e os pensamentos são cotidianos, principalmente em datas comemorativas.
Lopes Beatriz Gonçalves	Sentimentos maternos frente ao óbito perinatal/maternal	Compreender o sentimento do luto de mães que perdem o filho no período perinatal.	Entrevista com mães de luto no período perinatal.	É muito importante criar redes de apoio, para escutar, acolher e compreender as mães de luto.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2023)

A autora Lopes BG *et al.* (2021) discorre sobre o vínculo mãe e feto se inicia desde a descoberta da gravidez, nesse contexto emerge que toda mãe que perde um filho precisa de um tempo e ajuda para ressignificar sua perda, a mãe não sabe se ainda é mãe ou deixou de ser no momento em que perde o filho.

Lopes *et al.* (2021) através de uma entrevista semiestruturada discorreu com as mães enlutadas os seguintes pontos: “As escolhas, A sensação é que a tua vida não está mais em você, A despedida, Convivendo com outros bebês, Quem vê minha dor! e Não foi com eles!”. Mostrando assim a importância da busca por redes de saúde e apoio para dar suporte para as mães e seus familiares.

Os estudos das autoras Rubens Calaça e Marciano (2019) corroboram com autora Lopes BG *et al.* (2021), pois utilizara, de intervenções semelhantes. Nesse estudo foi desenvolvido em um grupo de mães enlutadas no Hospital e Maternidade Dona Íris, em Goiânia. Em cada sessão, foram trabalhadas as fases do luto, tal como proposto por Kübler-Ross: negação, raiva, depressão, barganha e aceitação. Destacando a importância do papel da psicologia no processo de elaboração do luto e, a importância de um espaço de escuta, como o grupo, pois compartilhar a dor com outros pares é uma forma eficaz de produzir meios que deem conta da dor da perda de um filho. Durante as sessões discorreram sobre a importância de discutir sobre a morte e compartilhar suas vivências em um ambiente terapêutico, oferecendo um tratamento humanizado evidenciando a importância de ofertar uma rede de apoio para os pais que vivenciem essa perda.

Os autores Ramos, Vera; Canta, Guilherme (2022) utilizaram o processo psicoterapêutico para discorrer a respeito das angústias derivadas da experiência afetiva associada a morte, neste estudo apresentaram os casos de duas pacientes; Inês com perda fetal às 19 semanas e Maria grávida de 17 semanas, as duas foram diagnosticadas com má formação fetal. Durante as sessões foi-se discutido a respeito dos impactos: a ansiedade sobre o assunto, não saber o que sentir no processo de luto, transtornos gerados a partir da perda, isolamento social e proximidade familiar. Para tanto, apresentaram que o processo de psicoterapia auxiliou na vivência e superação do luto.

Rocha Bezerra e Cardoso Rocha *et al.* (2021) realizaram um estudo a partir da teoria filosófica da fenomenologia de Martin Heidegger aplicando em mães que perderam seus filhos em acidentes domésticos na infância. Nos encontros realizados utilizou-se da técnica de entrevista fenomenológica, mediada pela empatia intersubjetividade, a questão norteada que conduzia as entrevistas foi: O que significa a morte de seu filho por acidente doméstico? A analítica balizada no referencial heideggeriano envolveu dois momentos: a compreensão vaga e mediana e a compreensão hermenêutica. Por tanto consideram que o tratamento efetivo seria um processo norteado pela vivência da mãe enlutada, voltando para ações que vão além das

questões técnicas, mas será norteado pela movimentação específica do acontecer da mãe do seu nascimento até a morte.

Em outro estudo Assis e Hinayana *et al.* (2019) com o objetivo de compreender as vivências de sofrimento no luto materno, utilizou-se a abordagem qualitativa e o método fenomenológico para o desvelamento dos sentidos desta experiência. Ressaltam que o luto, segundo Freitas (2015) *apud* Assis e Motta (2019), enquanto experiência de perda, fala da morte do "nós": o morto em sua corporeidade e o sobrevivente em suas possibilidades de ser, havendo uma perda de si. No que se refere ao luto materno, a corporeidade do filho é abruptamente suprimida. Há uma desapareição do filho, que provoca mudanças no campo existencial da mãe, exigindo novas formas de ser-no-mundo. Na concepção de Merleau-Ponty (1999) *apud* Assis e Motta (2019) "toda ausência é apenas o avesso de uma presença, todo silêncio é apenas uma modalidade do ser sonoro" (p. 448). Para o autor, a ausência se faz presença em seu emergir fenomenal.

Neste estudo foi utilizado o método empírico-fenomenológico, realizando sessões com quatro pacientes, duas entrevistas caracterizadas como fenomenológicas de cunho aberto foram realizadas com cada participante, com duração de aproximadamente trinta minutos. A entrevista iniciou-se com a seguinte questão norteadora: "Me fale sobre seu sofrimento no luto materno". Essa questão inicial se fez presente em todas as entrevistas para todas as participantes. Com base nisso concluíram que os resultados da pesquisa apontam a necessidade de se pensar no suporte para as mães enlutadas, visto seu intenso sofrimento, propondo uma agenda a ser pensada nas políticas públicas, no campo da psicologia fenomenológica, delineia-se a indispensabilidade de uma clínica do luto, capaz de promover a escuta da dor de ser mãe-de-filho-morto, permitindo um espaço que promova ressignificação Michel e Freitas (2015). Feijoo (2021) utilizou o método fenomenológico para encontrar sentido no âmbito do luto materno em seu estudo, aplicando a técnica de Brice (1991) *apud* (FONSÊCA, 2021) em que ele usa unidades de significado que são elas: o coercivo poder da morte, a morte da relação com o filho, a incorporação da morte, o luto como fenômeno paradoxal, a diferenciação entre a imagem e a presença, a temporalidade do luto, a busca pela finalidade da morte do filho, a experiência de um projeto interrompido, a impressão de que o filho pode chegar a qualquer momento e a sensação de amputação. Feijoo realizou uma entrevista via *WhatsApp* com seis mães onde discorreram sobre a experiência do luto. A autora elucidou que sua conclusão ao término da investigação acerca do luto materno se aproxima-se da descrição de Brice (1991) *apud* (FONSÊCA, 2021): o luto permanece para sempre.

Consolidando o estudo acima Feijoo (2021) realizou uma análise a partir da escuta clínica, pautada no método fenomenológico. Nesse artigo a autora defende que o trabalho clínico com o luto deve se encaminhar por uma perspectiva da saudade, com a tentativa de fazer o indivíduo não negar a dor ou encontrar um subterfúgio para ela, ressaltando a importância da proximidade do psicólogo ao enlutado, aguardando seu pensar em voz alta, ou seja, aguardando o que ele tem a dizer, sem precisar atuar como se a dor não existisse.

Michel e Freitas (2021) apresenta estudos e estratégias para a vivência do luto realizando uma pesquisa qualitativa utilizando o método fenomenológico com quatro mães, todas elas frequentam um grupo de ajuda mútua na dor do luto, que é acompanhada por pesquisadores há seis anos, esse grupo é coordenado e por membros da comunidade com reuniões semanais.

O estudo foi criado a partir de três eixos: O eixo 1 - relação terapeuta-paciente - engloba as constituintes: sentir dificuldade inicial para falar, sentir-se acolhida, sentir-se escutada, sentir-se respeitada, sentir-se compreendida e raiva do psicoterapeuta. O eixo 2 - possibilidades expressivas que emergem da relação psicoterápica - compreende as experiências de: expressar-se livremente, sentir-se livre para abordar outros temas que não o luto, revelar o sentimento de culpa e poder se queixar dos familiares. O eixo 3 - resignificação - é composto por: perceber novas possibilidades, alcançar autocompreensão, aceitar a morte, deixar de culpar os outros pela morte do filho, aceitar o modo dos outros de lidar com o luto, experiência de fortalecimento, sentir-se melhor de saúde e retomar a vida (Freitas, 2021).

Por fim, o autor concluiu que a troca de vivências aumentou a abertura para expor a fraqueza das mães, possibilitando assim novos sentidos e possibilidades, percebido por elas como algo positivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, após a análise dos artigos observou-se que o luto materno é um assunto que necessita de uma atenção singular, cada vivência e experiência causa efeitos diferentes no indivíduo que sofreu a perda de um filho. Ressaltando a perda do mundo ideal e as memórias eternizadas ou não vividas.

Os estudos apontaram que os processos terapêuticos, grupos de apoio, e escuta clínica, tem ajudado os pacientes a vivenciarem essa fase, utilizando técnica que aliviam os sintomas gerados pelo luto.

O objetivo deste estudo foi mostrar a importância das fases do luto e evidenciar o trabalho do terapeuta, seguindo várias abordagens psicológicas. Michel e Freitas (2021) apresentam

estratégias para vivenciar o luto, discorrendo sobre alguns pontos importantes no processo terapêutico, Assis e Hinayana *et al.* (2019) evidenciam o luto através da perda do mundo ideal ressaltando a importância de suporte para as mães em luto devido a intensidade de suas dores. Ramos, Vera; Canta, Guilherme (2022) explicam a importância do processo psicoterapêutico em momentos de luto. Espera-se que este artigo contribua com a comunidade científica, para que possa agregar ensaios futuros sobre o tema.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Edilene Joceli de; GARCIA-SANTOS, Seille; HAAS, Ernani Irajá. PADRÕES ESPECIAIS DE LUTO EM MÃES QUE PERDERAM FILHOS POR MORTE SÚBITA. Revista de Psicologia da IMED, vol.3, n.2, p. 607-616, Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/148/123>. Acesso em: 08 de março de 2023.

ALVES, Rayssa Stéfani Sousa; CELESTINO, Kênia Alessandra de Araújo. De braços vazios, nos braços da dor: Perda gestacional e neonatal. Research, Society and Development, v. 9, n. 11, p. e5459119804-e5459119804, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/9804/9088>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Referência rápida aos critérios diagnósticos do DSM-5-TR. Edição 1º.p 1-488.Porto Alegre: Artmed, 2023.

ARAUJO, Antônia Fernanda Alves e CARVALHO-BARRETO, André de. O luto materno no desenvolvimento familiar: mães que perderam seus filhos em acidentes rodoviários. Pensando fam. [online]. 2019, vol.23, n.2, pp. 119-133. ISSN 1679-494X. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000200010. Acesso em: 25 de maio de 2023.

ASSIS, Gustavo Alves Pereira de; MOTTA, Hinayana Leão e SOARES, Ronaldo Veríssimo. Falando sobre presenças-ausentes: vivências de sofrimento no luto materno. Revista NUFEN. vol.11, n.1, 2019. p. 39-54. ISSN 2175-2591. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol11.nº01artigo44>. Acesso em 25 de junho de 2023.

Bezerra, M. A. R., Rocha, R. C., Carneiro, C. T., Rocha, K. N. D. S., Moura, D. F. S., & Rocha, S. S. D. O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância. Escola Anna Nery, 26. 2021.

Carnaúba RA, Pelizzari CCAS, Cunha SA. Luto em situações de morte inesperada. Revista Psique v .2, 2021. p 43-51 Disponível em <https://seer.cesjf.br/index.php/psq/article/view/94519>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

DALGALARRONDO, PAULO. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. Edição 2°. p 1-438. Porto Alegre: Artmed 2008.

FAQUINELLO, Paula; Collet, Neusa. Vínculo afetivo mãe/criança na unidade de alojamentoconjunto pediátrico. Revista Gaúcha de Enfermagem, Porto Alegre (RS) 2003. p

294-304. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rngenf/article/view/4462/2400>. Acesso em: 10 de Abril de 2023.

FONSÊCA, Maria Clara Lima Ribeiro. Luto materno no período gravídico-puerperal: as implicações psicológicas em mulheres que sofrem perda gestacional ou neonatal. 2021. p. 1-52

FREITAS, Joanneliese Lucas de; MICHEL, Luís Henrique Fuck. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia em Estudo*, v. 19, p. 273-283, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/kVYCVNL5nFcJmXDkw6rrcqj/?lang=pt#>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

FUERTES, Mariana.; SANTOS, Pedro Lopes. Interação Mãe-filho e qualidade da vinculação em crianças com alterações neuromotoras. *PSICOLOGIA*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 43–64, 2003. DOI: 10.17575/rpsicol.v17i1.438. Disponível em: <https://revista.appsicologia.org/index.php/rpsicologia/article/view/438>.

FUKUMITSU, Karina Okajima. *REVES DE UM PARTO: LUTO MATERNO*. 1º Edição. p 1-120. Summus Editorial 2022.

GOMES, Adriana de Albuquerque. Teoria do Apego no Contexto da Produção Científica Contemporânea. Dissertação (Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2011.p 1-286.

IACONELLI, Vera. Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 10. 2007 p. 614-623. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/hz8B5Z66qkD4nDw8s76CKtn/?lang=pt#>. Acesso em: 10 de Maio de 2023.

KNOBEL, Elias. et al. *Psicologia e Humanização: Assistência aos Pacientes Graves*. São Paulo, Ateneu, Edição 1º 2008. P 1- 374.

KUBLER, Elisabeth Ross. *Sobre a morte e o morrer*: 8ª Edição. p 1-299. São Paulo. Martins Fontes1998.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; VAZ, Paulo Roberto Gibaldi. Perda gestacional e neonatal, um sofrimento como outro qualquer. *MATRIZES*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 91-112, 2019. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v13i2p91-112. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/148462>. Acesso em: 25 de Abril de 2023.

MENEZES, Nayara Ruben Calaça; MARCIANO, Rafaela Paula. Morte na maternidade: Intervenção psicológica em um grupo de mães enlutadas. *Perspectivas em Psicologia*, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 176–189, 2019. DOI: 10.14393/PPv23n1a2019-51148. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/51148>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

PERELBERG, Rosine Jozef. Freud: Uma leitura atual. 1ª edição. p 1-288. Artmed 2011.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. Revista Psicologia, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

Lopes, Beatriz. Gonçalves; Carletto, M. R., Ivastcheschen, T., & Borges, P. K. D. O. Sentimentos maternos frente ao óbito perinatal. Revista. Pesqui.(Univ. Fed. Estado Rio J., Online), 2021. p. 1493-1498.

MENEZES, Nayara Ruben Calaça; MARCIANO, Rafaela Paula. Morte na maternidade: intervenção psicológica em um grupo de mães enlutadas. Perspectivas em Psicologia, v. 23, p. 176-189, 2019.

RAMOS, Vera; CANTA, Guilherme. Perda e Luto Fetal. Revista Portuguesa de Psicanálise. Revista v. 40, n. 2, 2020.

Bezerra, M. A. R., Rocha, R. C., Carneiro, C. T., Rocha, K. N. D. S., Moura, D. F. S., & Rocha, S. S. D. O tempo do luto materno pelo filho que morreu na infância. Escola Anna Nery, 26. 2021.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo Lopez. Escuta Clínica à Experiência de uma Mãe Enlutada em Tempos de COVID-19. Revista Psicologia: Teoria e Prática, v. 24, n. 1, p. 1-16, 2022.